

Volatilidade alta: oportunidades constantes!!

A instabilidade do mercado segue ocasionando boas e constantes oportunidades de venda. O mês de outubro/25, foi marcado por alta volatilidade e por um novo recorde de preços na Bolsa de Nova Iorque (ICE Futures US). Fatores altistas: oferta de curto prazo restrita, estoques em níveis críticos, queda nas exportações, clima irregular no Brasil, excesso de chuva no Vietnã. Fatores baixistas: otimismo com relação às negociações entre Brasil e EUA para redução ou isenção das tarifas impostas às exportações brasileiras, expectativa da chegada de cafés de outras origens em fase de colheita ao mercado em maior volume, interesse fraco dos exportadores no curto prazo em função dos diferenciais de base firmes e do mercado invertido. Em suma, no curto prazo, os desdobramentos relacionados às tarifas norte americanas juntamente com o quadro de oferta restrita devem ditar o rumo dos preços. No médio prazo, é preciso estar ciente de que a chegada de cafés de outras origens ao mercado, em maior volume, pode pressionar as cotações. No longo prazo, os preços deverão se ajustar de acordo com o volume da próxima safra brasileira, portanto, muita atenção ao clima.

Análise Gráfica – Café Contrato C – ICE Futures US – Ago/25 a Nov/25)



Análise Técnica: Fundação Procafé, 04/11/2025

Fechamentos - Mês de Outubro/2025

DESCRIÇÃO	MÍNIMA	MÁXIMA	ÚLTIMO DIA DO MÊS
Café CD, B/C, bebida mole, tipo 6 (R\$/sc)	R\$2.300,00	R\$2.530,00	R\$2.380,00
Café B/C, bebida dura p/ melhor, tipo 6/7 (R\$/sc)	R\$2.200,00	R\$2.420,00	R\$2.270,00
Café B/C, bebida rio, tipo 7 (R\$/sc)	R\$1.550,00	R\$1.750,00	R\$1.600,00
Café Conilon, B/C, tipo 7/8 (R\$/sc)	R\$1.310,00	R\$1.390,00	R\$1.360,00
Bolsa NY - ICE US (cents/lb)*	356,35	398,75	372,25
Bolsa Londres - ICE Europe - Canephora (USD/ton)**	4.325,00	4.694,00	4.540,00
Câmbio - PTAX de venda - USD/R\$	R\$ 5,3208	R\$ 5,4982	R\$ 5,3843

Fontes: Principais praças de café, [B]³, ICE Futures US, ICE Future Europe, BCB.

*Contrato/Vencimento: março/2026

**Contrato/Vencimento: Janeiro/2026

FATORES DE SUSTENANÇAÇÃO (ALTA)

No mês de outubro/2025, na ICE Futures US (Bolsa de Nova Iorque), o café Arábica atingiu novo recorde de preços ao ser negociado a 437,95 cents/lb no vencimento de dez/25 e 414,80 cents/lb no vencimento de mar/26. Já na ICE Futures Europe (Bolsa de Londres), o Canephora (Robusta/Conilon), chegou a ser negociado na máxima de USD 4.835,00/ton no vencimento de jan/26. A seguir, os fatores que sustentaram os preços no decorrer do mês de outubro com algumas possibilidades futuras.

Enquanto os cafés de outras origens que estão em pleno período de colheita, tais como Vietnã, Colômbia e América Central, não chegam em maior volume ao mercado, a oferta deve seguir restrita e propondo momentos oportunos para os produtores no curto prazo. Se por um lado a expectativa de uma safra volumosa do Vietnã, sendo a maior dos últimos quatro anos, deve pressionar as cotações, por outro lado, recentes problemas climáticos com excesso de chuvas seguem como fator de sustentação aos preços. De um modo geral, até que o Vietnã juntamente com essas outras origens comecem a ofertar maiores volumes, o cenário segue de oferta escassa e restrita a uma origem cuja safra colhida foi frustrante, o Brasil. A perda do potencial produtivo da safra brasileira de 2025 em função da estiagem do ano passado aliada à perda no rendimento em função do veranico do início deste ano segue limitando a oferta. E diante o atual quadro de oferta restrita, com um cenário ainda duvidoso para o próximo ciclo, o produtor brasileiro segue comedido, escalonando suas vendas e aproveitando as oportunidades de bons preços que o mercado ainda segue propondo.

De acordo com o Cecafé (Conselho dos Exportadores de Café do Brasil), o Brasil exportou 3,750 milhões de sacas de café no mês de setembro/25, volume que implica queda de 18,44% em relação as 4,598 milhões de sacas embarcadas no mesmo mês de 2024. Nos três primeiros meses do ano safra 2025/26, a performance é parecida, com os embarques caindo 20,6%, para 9,676 milhões de sacas. Já no ano civil, de janeiro a setembro de 2025, o Brasil exportou 29,105 milhões de sacas, o que representa um declínio de 20,46% frente aos 36,593 milhões de sacas exportados nos nove primeiros meses do ano passado. Dados preliminares, apontam que até o dia 30, os embarques do mês de outubro/25 já se aproximavam de 3,500 milhões de sacas, quase 30% a menos do que as 4,926 milhões de sacas exportadas em outubro/24. Consequentemente, no decorrer do mês de outubro, na Bolsa de Nova Iorque, os estoques certificados apresentaram queda de 24,25%. Ao final de setembro/25, os estoques certificados de NY estavam em 569.937 scs contra 431.728 scs ao final de outubro/25. Em outubro/24 os estoques certificados de NY estavam em 852.058 scs. Em parte, o fluxo menor de remessas ao exterior e a consequente queda dos estoques certificados de NY se devem: às exportações recordes de 2024 que culminaram em níveis de estoques extremamente críticos, à perda do potencial produtivo da safra 2025/26 impactada pelo clima e, ainda, aos efeitos das tarifas norte-americanas impostas às importações do Brasil que potencializaram o declínio das exportações do atual ciclo e dos níveis de estoques de NY.

Outro indicador claro de sentimento de oferta restrita no curto prazo, é o mercado invertido (também conhecido como backwardation), tanto na Bolsa de NY quanto na de Londres, sendo essa uma condição em que o mercado à vista ou contratos futuros mais próximos estão com os preços mais valorizados do que os contratos com vencimentos mais distantes. Para se ter melhor noção, o diferencial entre os vencimentos de dezembro/25 e março/26 na Bolsa de NY encontra-

se próximo de -20,00 cents/lb, o que com um câmbio de R\$ 5,40, equivale a aproximadamente R\$ 140,00/sc.

Apesar do incremento de produção em outras origens para o atual ciclo (2025/26), tais como Vietnã, Etiópia, Indonésia, dentre outras, que culminará em um novo recorde de produção global (178,680 milhões de sacas), é preciso seguir atento ao fato de que, ainda assim, os estoques globais ao final do ciclo 2025/26 estão estimados em 22,819 milhões de sacas, o que representa 13,47% do consumo global, portanto, um nível crítico e também insuficiente para, sequer, dois meses do consumo global estimado em 169,363 milhões de sacas e que também representa um recorde, o que tende a minar quedas mais expressivas e manter o mercado extremamente sensível a qualquer adversidade climática.

Para o próximo ciclo, a bola da vez segue sendo o potencial produtivo para a safra do Brasil. Embora exista expectativa para uma safra mais volumosa, o mercado segue cauteloso com relação às projeções e ao real impacto da geada no Cerrado, das chuvas irregulares, da amplitude térmica e das floradas desuniformes que ocorreram em diversas regiões produtoras de Arábica. Nos meses de setembro e outubro, as chuvas irregulares, com volumes abaixo das médias, associadas à amplitude térmica em importantes regiões cafeeiras mantiveram a apreensão no mercado de café, que segue aguardando uma novidade mais consistente, seja de tensão ou de alívio climático. Para as próximas semanas, os modelos climáticos apontam maior volume de chuvas e temperaturas mais amenas, o que é favorável para as lavouras caso se concretize, mas negativo para os preços.

Apesar de um clima menos desfavorável nesse ano, a apreensão climática ainda perdura, principalmente diante o La Niña que está de volta e deve persistir até fevereiro de 2026. Embora a expectativa seja de um episódio fraco, de curta duração e com impactos menos acentuados sobre os padrões climáticos, a NOAA ressalta que, ainda assim, os efeitos previsíveis do La Niña são capazes de provocar alterações nos padrões climáticos em diversas regiões. Já é possível perceber chuvas irregulares em algumas regiões cafeeiras no Brasil e excesso de chuvas em outras origens, tal como a Colômbia, cujo clima chuvoso em importantes regiões cafeeiras do país segue prejudicando a qualidade, elevando custos e atrasando os trabalhos de colheita.

Conforme já era esperado, o FED (Banco Central dos EUA) promoveu mais um corte de 0,25% nos juros norte-americanos, estabelecendo uma nova na faixa de 3,75% a 4,00% ao ano. A decisão foi tomada em meio à paralisação do governo americano (shutdown), à divulgação de uma inflação abaixo do esperado e aos sinais de enfraquecimento no mercado de trabalho do país. O objetivo do FED é tornar o ambiente mais favorável ao mercado de trabalho, mas sem estimular a inflação tornando o crédito mais acessível. Assim sendo, o FED segue atento aos riscos que afetam os dois lados e, por isso, não deu muitos indícios do rumo que os juros norte-americanos deve tomar mais adiante. A política de juros nos EUA gera reflexos no Brasil, sobretudo no câmbio. No Brasil, o Copom deve manter a taxa Selic em 15% ao ano, maior nível em quase 20 anos, ao menos essa é a expectativa dos economistas que preveem início do ciclo de corte dos juros somente para o início de 2026. Diante a atual taxa de juros no Brasil, o diferencial da taxa de juros Brasil/EUA aumentou ainda mais, o que tende estimular o fluxo de recursos financeiros dos EUA para o Brasil, gerando um viés de desvalorização do dólar contra o real, o que é favorável para as cotações do café nas Bolsas de Futuros, mas desfavorável para os preços no mercado interno.

Com relação às tarifas norte-americanas, as tensões ocasionadas pelas ameaças do presidente norte-americano à Colômbia, deixam o mercado apreensivo, sobretudo, no que tange o fornecimento de cafés Arábicas aos EUA que já vem enfrentando dificuldades de abastecimento diante as tarifas impostas ao Brasil. Apesar de todo otimismo com a possibilidade de um acordo comercial em vistas da redução das tarifas americanas de 50% sobre as exportações brasileiras, as tarifas ainda seguem vigentes, limitando a oferta nos EUA.

No gráfico da primeira página, analisando o comportamento dos preços na Bolsa de NY, para o contrato futuro KCH3 (vencimento mar/26), que atualmente já é o de maior liquidez, tecnicamente, o mercado segue firme. Como é possível observar, suportes de curto e médio prazo (MME9, MME21 e MMS50) vem sendo testados, mas não superados. Além disso, as cotações se encontram bem acima da MMS100, o que é um sinal positivo. No curto prazo, mercado segue beirando a linha psicológica de 395,00 cents/lb, tal como ocorreu hoje (04/nov), o rompimento dessa resistência, pode dar consistência a voos mais altos, porém, caso não haja êxito no rompimento dessa importante linha, o mercado pode ceder. Muita atenção também ao período de rolagem dos contratos em aberto no vencimento dez/25. Na medida em que o vencimento de dez/25 se aproxima, com o vencimento das opções (12 de novembro) e da abertura da janela de avisos de entrega física (19 de novembro), o vencimento mar/26 começa a se consolidar como novo contrato de referência em função da maior liquidez que passa a ter. Isso deve deixar o mercado volátil com ajustes de preços, em especial, nos vencimentos dez/25 e mar/26. É preciso acompanhar o mercado diariamente para aproveitar as oportunidades que esse contexto de alta liquidez e volatilidade pode propor. Logicamente, alguns gatilhos relacionados às incertezas climáticas ou às tarifas norte-americanas podem direcionar o mercado a romper as linhas de resistência ou de suportes, por isso, muita atenção também a esses outros fatores.

FATORES DE PRESSÃO (BAIXA)

No mês de outubro/2025, na ICE Futures US (Bolsa de Nova Iorque), no primeiro dia do mês, o café Arábica foi negociado nas mínimas de 366,60 cents/lb no vencimento de dez/25 e de 351,30 cents/lb no vencimento de mar/26. Já na ICE Futures Europe (Bolsa de Londres), o Canephora (Robusta/Conilon), também no primeiro dia do mês, foi negociado na mínima de USD 4.141,00/ton no vencimento de jan/26. A seguir, os fatores que pressionaram os preços no decorrer do mês de outubro com algumas possibilidades futuras.

Expectativa é de aumento na oferta global de café nos próximos meses, o que tende a trazer alívio ao quadro de oferta restrita, pressionando as cotações. Origens como Vietnã, Colômbia e América Central encontram-se em plena safra do ciclo 2025/26, porém os volumes que chegam ao mercado ainda são muito limitados. De dezembro em diante, quando os cafés destas origens começarem a chegar ao mercado em maior volume, elevando a disponibilidade física, é muito provável que exerçam pressão sobre os preços.

Conforme posto mais acima, o volume da próxima safra brasileira será determinante para os preços do próximo ciclo e, talvez, para parte do atual ciclo. No mês de outubro, as floradas aqui no Brasil, de um modo geral, foram vistosas e expressivas, o que chegou a pressionar os preços. É fato que, embora não tenha chance de ser uma safra recorde, a safra 2026/27 segue tendo potencial para ser volumosa. Neste contexto, atualmente, tanto na Bolsa de NY (Arábica) quanto de Londres (Robusta/Conilon), o mercado se encontra no padrão invertido, com os vencimentos

mais curtos mais valorizados do que os vencimentos mais longos, indicando possibilidade de queda nas cotações mais adiante. Por ora, esse cenário só pode ser alterado no caso de novidades fundamentais, ou seja, no caso de algum surto climático, o que, frente ao que a cafeicultura já vem vivenciando nos últimos anos, não é de se duvidar. Mas, caso se confirme uma safra volumosa para o ciclo 2026/27, a possibilidade de o mercado atrofiar aumenta bastante. A seguir, apenas uma reflexão sobre o potencial de desvalorização do atual ciclo (2025/26) para o próximo ciclo (2026/27) caso clima colabore daqui em diante: no momento atual, existe um diferencial de mais de 6.000 pontos entre o vencimento mais próximo na Bolsa de NY (dezembro/25) contra o vencimento de setembro/26, o que quer dizer que, com o câmbio de hoje, o mercado está precificando o atual ciclo 2025/26 (2025/26 - dezembro/25) com um valor de aproximadamente R\$ 430,00/sc a mais do que o ciclo que vem (2026/27 - setembro/26). Apesar do mercado seguir cauteloso com as projeções da safra brasileira do ano que vem em função das chuvas irregulares, com volumes abaixo das médias, associadas à amplitude térmica em importantes regiões cafeeiras nos meses de setembro e outubro, para as próximas semanas, os modelos climáticos apontam maior volume de chuvas e temperaturas mais amenas, o que, caso se concretize, é favorável para as lavouras, mas negativo para os preços.

A ponta compradora mantém a expectativa de arrefecimento nos preços e, por isso, segue evitando custo de carregamento, reduzindo procura e aguardando a chegada de café das outras origens a partir de dezembro. Reforçando esse cenário, no caso do café Arábica, além do mercado invertido, os diferenciais de base para exportação também estão mais estreitos (caros) para o curto prazo (dez/25), com o médio prazo (jan/26 a mar/26) mais alargados (baratos), o que leva os exportadores a optarem por concentrar suas exportações para o início do próximo ano, mantendo a demanda interna mais fraca. Já os canéforas brasileiros, seguem sem muito interesse dos exportadores e sem competitividade externa, com a demanda partindo em maior parte da indústria doméstica.

No final de outubro, o presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva se reuniu com o presidente dos EUA, Donald Trump, em Kuala Lumpur, na Malásia, o que pressionou os preços do café ao alimentar uma espécie de alívio geopolítico entre as duas nações, deixando o mercado otimista com a possibilidade de um acordo comercial em vistas da redução ou isenção das tarifas americanas de 50% sobre as exportações brasileiras. Em postagem no Twitter, Lula disse que a reunião foi ótima e acrescentou que as negociações continuam em vistas de soluções para a tarifa de 50% às importações brasileiras. O relacionamento entre os presidentes melhorou a partir de setembro, quando ambos tiveram breve contato durante a Assembleia Geral da ONU, em Nova York, o que abriu a oportunidade para o encontro bilateral, sendo este o primeiro encontro formal entre os dois. Trump designou o secretário de Estado Marco Rubio para dar sequência às negociações sobre o tarifário com o vice-presidente Geraldo Alckmin e outros representantes do governo brasileiro. Caso as negociações entre os governos do Brasil e dos Estados Unidos tenham êxito, apesar de saudável para o mercado de café, é muito provável que exerça pressão sobre as cotações uma vez que tende a amenizar a restrição de oferta ocasionada no mercado norte-americano. Já no início deste mês de novembro, o presidente brasileiro disse que se as negociações entre os dois países não avançarem até o final da COP30 (conferência climática das Nações Unidas que o Brasil está sediando este mês), ele ligará novamente para o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

Com relação ao câmbio, a deterioração do Dólar contra o Real que encerrou o mês de setembro com a Ptax de venda a R\$ 5,3843, certamente é um fator que inibe uma valorização maior dos

preços no mercado físico interno. E, diante a atual taxa de juros no Brasil, de 15% ao ano, o diferencial da taxa de juros Brasil/EUA aumentou ainda mais, o que tende a estimular o fluxo de recursos financeiros dos EUA para o Brasil, gerando um viés de desvalorização do dólar contra o real que é desfavorável para a composição de preços dos exportadores que seguem sem muito interesse em função dos diferenciais de base firmes e do mercado invertido com vencimentos à vista mais valorizados do que os futuros.

MENSAGEM AOS CAFEICULTORES

Certamente, o fator determinante para os preços no decorrer do próximo ciclo será o real potencial da safra brasileira de 2026. Até lá, para o início do ano de 2026, muita atenção ao aumento da oferta de cafés de outras origens que estão em pleno período de colheita, não é segredo para ninguém que oferta mais ampla anda de mãos dadas com preços mais baixos. Contudo, ao menos, até o final do ciclo 2025/26, um possível recuo do mercado diante o aumento momentâneo de oferta ocasionado por origens como Vietnã, Colômbia e América Central, deve ser limitado diante o quadro de escassez que pode ocorrer também ao final do ciclo 2025/26, podendo haver espaço para elevações mais acentuadas também entre os meses de abril, maio e junho/26, tal como ocorreu neste ano. Porém, até lá, o foco deve estar no curto prazo, pois independentemente do rumo que os preços tomarem mais adiante, o mercado deve seguir propondo mais algumas oportunidades diante o quadro de oferta restrita que vem sendo evidenciada pelas as exportações que seguem em queda, pelos os estoques certificados de NY e de Londres que também seguem em declínio e pelas as cotações nas principais Bolsas de futuros que seguem no padrão invertido, ou seja, com os vencimentos à vista mais valorizados do que os vencimentos futuros. No curto prazo, os desdobramentos relacionados às tarifas norte americanas, o quadro de oferta restrita e as questões climáticas devem manter o mercado volátil. A volatilidade sempre abre portas para oportunidades!! Quando as oportunidades surgirem, não percam tempo. Diante os repiques de preços que o mercado vem apresentando, o produtor deve seguir dando as caras ao mercado, escalonando suas vendas, sem exageros, uma postura coerente diante as incertezas que ainda perduram para o médio e longo prazo. A instabilidade do mercado segue ocasionando boas e constantes oportunidades de venda.

Varginha, 04 de novembro de 2025.

Analista: **João Marcelo Oliveira de Aguiar**
Superintendente Executivo - Fundação Procafé